

# Literatura na contramão da efemeridade da produção flexível: a formação humana como substância

## Literature on the wrong way of ephemerality of flexible production: human formation as substance

Juliana de Castro Chaves\*  
Maíra Braga Adorno Dourado\*\*

127

**RESUMO:** É no contexto da sociedade excitada permeada pela efemeridade da produção flexível que se faz fundamental problematizar a substância da literatura: a formação humana. Este trabalho discute a relação entre literatura e formação humana a partir dos autores Theodor Adorno e Walter Benjamin, que, embora apresentem diferenças teóricas, contribuem para a análise da literatura em seus aspectos formativos. A literatura é concebida como uma produção da cultura, uma expressão da arte que, em sua imanência, já traz tensões entre experiência e o todo social, e carrega na sua forma estética possibilidades de experiências formativas voltadas para o processo de humanização. Elementos estéticos, tais como: universalidade, enigma, alegoria, mimese, relações de semelhança, forma e conteúdo, parte e todo, sujeito-objeto, linguagem não padronizada, razão que nega a funcionalidade e a não expropriação do esquematismo kantiano distanciam a literatura da semiformação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Literatura; Formação Humana; Teoria Crítica.

**ABSTRACT:** In the context of an excited society permeated by the ephemerality of the flexible production becomes fundamentally important to discuss the essence of literature: the human formation. This work discusses the relationship between literature and human formation from the authors Theodor Adorno and Walter Benjamin. Theodor Adorno and Walter Benjamin,

\* Professora da Faculdade de Educação da UFG. Tem Pós-Doutorado em Educação pela UFSC, Doutorado em Psicologia Social pela PUC/SP, Mestrado em Psicologia Social pela UFMG e Graduação em Psicologia UFC.

\*\* Professora da rede municipal de Goiânia e integra o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Educação na Infância (GEPCEI - PUCGO). É Mestre em Educação pela UFG, com Graduação em Pedagogia pela UniAraguaia.

although presenting theoretical differences, contribute to Literature analysis in its formation aspects. Literature is conceived as a production of culture, an expression of art that in its immanence already brings tensions between experience and the whole of society and carries in its aesthetic form possibilities of formative experiences focused on the humanization process. Aesthetic elements, such as universality, enigma, allegory, mimesis, similarity relations, form and content, part and everything, subject-object, non-standardized language, reason that denies the functionality and non-expropriation of the Kantian schematism distance literature from semi-formation.

**Keywords:** Education; Literature; Human Formation; Critical Theory.

### **Literatura na sociedade do Capital: problematizando as contradições**

Quando se fala em literatura<sup>1</sup>, logo vem a necessidade de se especificar sobre qual literatura se está falando, já que existem apreensões imediatistas e generalizações que nivelam sem distinção as obras publicadas. A necessidade de problematizar a literatura se acirra principalmente na sociedade capitalista em que a experiência e a capacidade de narrar se tornam cada vez mais obstaculizadas, em que a racionalidade funcional impera e a aderência do indivíduo-leitor está permeada por um tempo imediato, pela informação explicativa que só tem valor enquanto é nova e pela resposta instantânea.

Nesse contexto, a pobreza da experiência vigente não se relaciona somente ao inexperiente, mas aqueles que “devoram tudo, a cultura e os homens e ficam saciados e exaustos” (BENJAMIN, 1994c, p.118). Ao mesmo tempo, o declínio da experiência corresponde à intensificação de uma experiência complementar: a vivência, pautada no imediato e na reação necessária à velocidade dos estímulos em que o tempo passado deixa de ser funcional (KEHL, 2009).

Se a experiência é base para a memória e para narração tanto oral como literária, elas também ficam afetadas. A lembrança que não traz o cunho da situação em que foi gerada e se relaciona com dados isolados e fixados, é o demandado. Nesse caso, como frisa Kehl (2009) a partir de Bergson e Benjamin,

---

<sup>1</sup> A palavra literatura é entendida neste texto como produto cultural que carrega uma perspectiva ampliada de educação - experiência estética formativa - que é também escrita por alguns autores com letra maiúscula ou denominada como grande literatura.

a experiência de duração que dá ao sujeito uma espécie de sentimento de continuidade da existência, de ligação com o passado e o presente, onde o tempo se manifesta como contínuo de duração que estabelece a impressão de continuidade entre infinitos momentos que constituem a vida, também é perdida na valorização do imediato. O que é exercido é o primado da lembrança ligada a imagens voluntárias vazias e insípidas como fotografias cristalizadas. Essa produção efêmera e intensa determina uma sociedade excitada em que a sensação é mergulhada no estímulo contínuo que possui um efeito similar ao das drogas. Um bombardeamento que conduz à distração concentrada (TÜRCKE, 2010).

Importante destacar que essa dinâmica está alicerçada na esteira do modo de produção capitalista da sociedade que determina subjetividades e sujeitos. Nesse sentido, levando em conta a atualidade, pode-se afirmar que o capitalismo flexível que produz de forma diversificada para nichos específicos, é determinante tanto na quantidade rápida e efêmera de produtos para a leitura, quanto no gosto<sup>2</sup> do leitor.

Nesse contexto, “literaturas” de autoajuda, autobiográfica, esotérica e/ou que oferecem receitas, caminhos para o sucesso e a felicidade, antídotos de uma boa vida, descolados das questões objetivas predominam na enxurrada da produção. A indústria cultural não deixa o mundo dos livros nas estantes sem serem lidos. Assim, livros que “parecem ser igualmente a-históricos e tão insensíveis perante as catástrofes da história como seu próprio inconsciente”, são oferecidos ao consumidor-leitor sedento de novidade (ADORNO, 2010, p. 37).

Na esteira dessa dinâmica, o que é sucesso é sinônimo de qualidade e o que se constitui de forma estandardizada, o que se estabelece como um produto aligeirado para o fácil acesso e o que promete o sempre novo, é automaticamente aceito. A indústria cultural produz uma pseudoliteratura, que

---

<sup>2</sup> O gosto é constituído historicamente em condições concretas, portanto, justificar a qualidade da literatura pelo gosto do leitor é retirar o caráter imanente da literatura, ignorar a sua forma estética e a análise crítica de uma obra

oculta as contradições, que não provoca inquietação ou indagações, que é empobrecida e destinada para momentos de lazer e de ócio, o que perpetua a lógica do trabalho.

Adorno (1998) nos auxilia a refletir sobre a literatura para além de uma intenção imediata demandada na sociedade, indicando que a literatura que afirma ajudar as pessoas a atuarem da “melhor forma possível” no mundo controlado já começa a traí-lo. Isso porque, quando ela tenta apresentar possibilidades que condizem com as expectativas dos leitores, podem tentar resolver pela subjetividade as dificuldades objetivas que não estão resolvidas na realidade (ADORNO, 1973).

Dessa discussão é importante ressaltar que a produção da literatura não é enclausurada por um *priori*. Atender às expectativas “exteriores” é tratar a literatura como meio, o que pode significar redução dela aos fins determinados do mercado. Isso empobrece a literatura que carrega um fim em si mesma impresso no seu interior, não de forma impositiva, mas dialética, como afirma Kant. A “finalidade sem fim” kantiana envolve “a determinação do indeterminado. As obras são finais em si, sem finalidade” (ADORNO, 1993, p. 145), o que tem relação com a autonomia da obra. É uma finalidade contida em sua própria forma estética (DUARTE, 2010), pela harmonia de suas partes sem explicar uma intenção a ela relacionada. “As obras de arte são finalísticas enquanto totalidades dinâmicas na qual todos os momentos singulares existem para o seu fim, o todo, do mesmo modo que o todo para o seu fim” (ADORNO, 1993, p. 105).

A literatura formativa é uma expressão crítica frente à racionalidade instrumental dessa sociedade e não ferramenta para algo. Pode-se afirmar, a partir de Horkheimer (2002), que a literatura instiga outra razão, que não é a automaticamente útil ao funcionamento e manutenção da razão de domínio da sociedade burguesa que sustenta a adesão do sujeito.

Essa discussão indica que a relação entre literatura, educação e formação (*Bildung*) exige entrelaçamentos com questões estéticas, filosóficas,

atreladas à sociedade e à constituição de um tipo de sujeito e de uma experiência formativa.

### **Literatura: uma particularidade da cultura**

A relação entre literatura e formação humana<sup>3</sup> passa pela discussão das interfaces entre sujeito, sociedade e cultura. A literatura é uma produção cultural resultado da objetivação humana. Sabendo que a cultura é constitutiva da sociedade e que é resultado da repressão dos impulsos necessários para a existência da humanidade, carregando, portanto, contradição entre humanidade e barbárie, pode-se afirmar inicialmente que a literatura como produto cultural se aproxima da formação quando apresenta elementos de processos de humanização.

Nesse sentido, a cultura, e mais especificadamente a literatura como processo de formação humana se distancia do horror e do terror, mas sabendo que essas dimensões caminham à espreita da formação. A formação postula uma humanidade sem exploração e se vincula à autonomia e à liberdade do sujeito e da sociedade (ADORNO, 1996). O processo de formação humana recusa o existente permeado pela dominação e se alia a contradição, ao inconformismo e a ruptura, pressupondo uma lógica da não identidade do sujeito com a sociedade opressora (MAAR, 2003).

Mesmo que ao longo do tempo o processo civilizatório, ao invés de favorecer a liberdade, facilitou a dominação e na modernidade vinculou-se ao progresso que foi colocado como meta independente da vida (ADORNO; HORKHEIMER, 1973), a literatura, a partir das contradições, pode denunciar o que não se realizou, o que se perdeu de humanidade. É nesse processo que também concretiza a formação cultural e instiga o tomar a cultura pela apropriação subjetiva dos sujeitos, auxiliando a reflexão (ADORNO, 1996). Essa discussão auxilia o entendimento de que a literatura é expressão da cultura e

---

<sup>3</sup> A formação devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura como seu próprio espírito – ao sujeito livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. Tornar os sujeitos aptos a se afirmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre.

da realidade histórica e que é resistente à ordem estabelecida quando revela o que está oculto na realidade, instiga a sensibilidade, quando se faz experiência e quando promove uma relação de comunicação e não de dominação com o diferenciado.

### **Arte e literatura: produções culturais resistentes**

Tanto Adorno, quanto Benjamin, ao debaterem a formação humana em produtos culturais diferentes, tais como fotografia, cinema, artes visuais e literatura, indicam elementos estéticos que se entrelaçam. Assim, arte e literatura são constituintes e constituem uma mesma dimensão: a estética. A arte é um processo vivo, um indicador de tendências estéticas, é um universal que também se faz a partir das artes singulares, e a literatura é particular (SCHAEFER, 2012). Arte, em termos da totalidade, e literatura, como uma manifestação de arte, são produções culturais, narrações<sup>4</sup> inconformadas de mundo.

132

Mas por que a arte e a literatura são formativas? Pode-se afirmar que a arte expressa, de maneira qualificada, a objetivação humana por meio de sons, palavras, formas, cores e movimentos com os mais profundos anseios e aspirações da coletividade (DUARTE, 2010). A arte é expressão cultural que, embora determinada pela realidade, é capaz de denunciá-la em sua forma estética. Ao revelar o mundo aparente, favorece uma experiência estética que tira o sujeito da acomodação, da cristalização do perceber e do sentir, por isso pode levar à reflexão crítica e sensível da realidade (ADORNO, 2003b).

Adorno não tinha concepção idealizada da arte como se fosse algo sagrado, inclusive critica o seu encastelamento elitista, o fetiche da arte, como também sua democratização rasteira. Ele reconhece as contradições intrínsecas com a sociedade capitalista, o que é essencial para a autonomia da obra e realça que a arte não é capaz de vencer o processo de exploração do

---

<sup>4</sup> A narração não tem a pretensão de transmitir e descrever um acontecimento tal qual ele ocorre, não possui a lógica da informação. Ao contrário, “integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila” (BENJAMIN, 1994b, p.107).

capitalismo. Porém, se posicionou de modo claro quanto ao seu lugar político em contraposição à condição estagnada da sociedade. “Os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas iminentes de sua forma” (ADORNO, 2008, p. 16). Pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que a arte realiza a reconciliação, em que suas leis formais trazem as contradições da realidade e vislumbram um mundo novo, também revela a irreconciliação porque traz uma possibilidade que não se efetiva.

A resistência da arte e da literatura está na sublimação quando ela, diferentemente da indústria cultural que humilha a pulsão, faz retroceder a humilhação da pulsão e salva o recalcado como algo mediatizado. O segredo da sublimação estética é apresentar a satisfação como interrompida. “A sublimação a transpõe para o plano em que seu potencial de destrutividade fica neutralizada” (DUARTE, 2010, p. 108).

A resistência também está na capacidade de transcender o tempo, o espaço e não se prender à empiria, e nisso se caracteriza a sua espiritualidade. Tanto a arte como a literatura estão relacionadas ao contexto histórico e à sociedade em que foram produzidas, mas não diz de um sujeito individual e nem mesmo pertence a um tempo histórico específico. Mesmo que se refiram a um único indivíduo, expõem, a seu modo, situações e possibilidades do ser genérico (ADORNO, 2013).

Em ambas as expressões culturais, o belo natural que apresenta a natureza como “eclosão” ou como emergência e não um representar fiel da natureza tal como ela é, se revela. A força do belo está na lembrança do estado isento de dominação da natureza pelo ser humano e a sua fraqueza se estabelece na não realização na realidade.

A construção do belo natural segue um caminho tortuoso entre a indispensável atitude crítica ao domínio da natureza e a possível submersão da consciência num caos originário, identificado com a natureza anterior à intervenção humana. A proximidade, a solidariedade com a natureza ameaçada se dá por antítese e não por compreensão romântica, por suposta afinidade imediata (DUARTE, 2010, p. 239).

A dialética entre racionalidade e mimese também carregam o caráter libertador dessas expressões culturais.

Diferentemente da longa tradição na estética que sempre abordou a mimese como procedimento reprodutivo de figuras existentes no exterior à obra, Adorno - tendo em vista a forte tendência não figurativa nas artes contemporâneas - pensa a questão em termos da maleabilidade da obra diante de forças exteriores a ela, o que faz da arte figurativa apenas um caso particular da mimese (DUARTE, 2010, p. 230-231).

A mimese está vinculada não à reprodução da realidade tal como ela é, mas à maleabilidade que permite a recriação (DUARTE, 2010). Benjamin ressalta a importância da capacidade mimética, que não é relacionada apenas ao reconhecimento da realidade, mas também à produção de semelhanças com o real, que possibilita a compreensão de mundo que ultrapassa a mera cópia da realidade. Conforme Gagnebin (1993), a semelhança se baseia na realidade, mas não se prende apenas a ela, pois perpassa pela mediação simbólica que vai além da imitação. A semelhança traz o tempo como temporalidade intensa, na qual há participação entre o real e o que não é - por isso semelhante - em um tempo em que o intervalo, a diferença, o vazio estão associados. A mimese, segundo Caimi (2015), apresenta-se como uma semelhança não física, como um instante temporal que oferece uma experiência de tempo de reciprocidade entre sujeito e objeto.

A alegoria compõe a riqueza da mimese, pois “arranca as coisas do seu contexto e, como fragmentos, lhes atribui novo sentido” (JUNKES, 1994, p.130). A alegoria apresentada pela teoria benjaminiana critica a ideia de símbolo que traz uma manifestação sensível de uma ideia e propõe a interioridade quebrada, contraditória, uma síntese aberta do mundo em ruínas. Dessa forma, traz novos sentidos, favorecendo uma nova interpretação para o mundo. Adorno, a favor da alegoria e contra os estereótipos, afirma: “podíamos dizer que, exatamente onde a narrativa de uma obra contemporânea ameaça rebaixá-la à condição de mercadoria cultural, o procedimento alegórico pode atuar de modo decisivo no revigoração de sua linguagem” (DUARTE, 2010, p.

110). No revigoroamento, o que está em questão não é a subsunção de intuições a conceitos, mas o livre jogo da imaginação e do entendimento.

### Elementos formativos da literatura

Considerar a literatura requer compreender que o tipo de formação favorecida por ela não se limita à pedagogia convencional. A literatura impacta de forma indiscriminada a vida e educa como ela, com altos e baixos, luzes e sombras. Nesse sentido, ela ultrapassa os princípios de boa conduta ao possibilitar a exposição da realidade que pode incomodar e não apenas deleitar, que pode assustar e não apenas aquietar os leitores. A literatura “[...] não corrompe nem edifica, mas traz livremente em si o bem e o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

A experiência na literatura envolve o acesso ao questionamento do real, a ficção, a invenção, a transgressão, a ligação com a vida verdadeira, com a morte, o sofrimento (GAGNEBIN, 2009) e a exposição de uma realidade que não apenas conforta. Ela incomoda a ordem da representação, não mostrando uma representação literal ou mecânica da realidade, mas significações descontínuas, interrompidas, sonhadas e ultrapassadas (FREITAS, 2005).

A mimese transformadora, que apresenta uma relação nova, original, criativa e imaginativa com a objetividade, e a alegoria, que oferece espaço para recontar a realidade narrada (LEONEL; SEGATTO, 2007), provocam a subversão do mundo instigando a imaginação e oferecendo espaço para o inacabamento permanente. Nesse processo, a experiência não é previamente agrupada e organizada, mas propicia o desenvolvimento de esquematismos kantianos. Nesse contexto, “o processo de constituição das formas do entendimento nutre-se tanto da intuição sensível quanto do conceito” (DUARTE, 2003, p. 448).

Ao discutir sobre o ensaio como emblema de outra racionalidade, Adorno, sem abandonar a razão, afirma que o ensaio critica a formalização da razão efetivada por Descartes, abrindo espaço para a experiência e para o pensar descontínuo, pois capta o movimento do objeto, ressaltando a não

identidade entre o conceito e a coisa. O ensaio, como forma literária, não cede às verdades primeiras, únicas e fixas, mas apresenta um campo de forças. Trafega entre o acerto e o erro em uma zona de risco permanente (VIANA, 2015).

Adorno (2003) entende que a literatura traz elementos resistentes à ordem vigente. “[...] se o romance quiser permanecer fiel à sua herança realista e dizer como realmente as coisas são, então ele precisa renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, apenas a auxilia na produção do engodo” (Ibid., p. 57). Nesse caso, incluir o reprimido e não o empírico dos homens que andam por aí, é importante. É nesse movimento de aproximação e negação da realidade que se configura a riqueza literária.

Do ponto de vista do leitor, isso significa que a experiência estética defendida por Adorno não está centrada na fruição, mas na possibilidade de exercício da crítica. A crítica, por sua vez, não é fruto de uma atividade meramente especulativa, mas nasce de uma recepção da obra tecida em meio à percepção das formas estéticas nutrida pela experiência do leitor. Avaliações conteudistas não colaboram para a experiência da obra enquanto unidade estrutural, assim como as generalizações não bastam para compor a crítica, pois deixam de alcançar a obra em sua concretude. A especulação filosófica, por sua vez, é imprescindível (DADICO, 2017, p. 185).

136

Nesse processo, a reflexão filosófica é fundamental, pois toma os conceitos como parte integrante da obra literária (DADICO, 2017). Nesse sentido, tanto o teor factual, quanto o “conteúdo de verdade”<sup>5</sup> estão entrelaçados.

Dadico (2017) revela que, para Adorno na análise crítica da imanência de uma obra literária, o leitor passa pelo primeiro nível, o de compreensão da obra, que “volta-se aos elementos da ação, como a motivação dos personagens expressa pelo comportamento - tudo aquilo que poderia eventualmente situar-se em um nível factual, mas não é dado de modo evidente no texto” (Ibid., p. 183), por isso exige uma atividade dedutível do leitor; o segundo nível, de

---

<sup>5</sup> “O conteúdo de verdade [Wahrheitsgehalt] (ou “teor de verdade”, em uma melhor tradução da palavra “Gehalt”) da obra de arte constitui o principal critério para avaliação da obra literária, distinto de seu teor factual [Sachgehalt]. O teor factual da obra seria aquele passível de ser explorado por meio do comentário, contraposto, por sua vez, à crítica em sentido pleno” (DADICO, 2017, p. 183).

entendimento acerca do significado das intenções do autor quando afirma certas falas e características dos personagens; e o terceiro nível, o da compreensão das ideias, princípios contidos na obra. A qualidade estética está no “conteúdo de verdade” da obra literária que não se liga a verdades eternas, senão repetiria o mito, mas na crítica da realidade. A explicação é a síntese do momento da crítica que pode ser expresso em forma de comentário.

A literatura coloca em destaque a dialética e a contradição, uma vez que a dicotomia entre sujeito e objeto, particular e universal e forma e conteúdo se desfaz. Para Adorno (2003), não há dicotomia entre subjetividade e objetividade, mas uma relação de aproximação e repulsa entre sujeito e sociedade. O autor realiza a objetividade que, “num nível pode não ser evidente em termos imediatos, mas que, não obstante, é real” (DUARTE, 2010, p. 225), reencontrando a sociedade de maneira inequívoca. A expressão artística estabelece uma comunicação subcutânea com a vida social, de modo que os artistas significativos - consciente ou inconscientemente, sempre refletem a sociedade que lhes serve de origem. É necessária a materialidade, mas essa relação está presente de maneira involuntária, espontânea, sem imposições (ADORNO, 2003).

Assim, quando os artistas resistem à ordem vigente, eles não fazem de modo estritamente individual. De acordo com Adorno (2003), a obra de Marcel Proust, pertencente à tradição do romance realista e psicológico, sustenta a alteridade da realidade sem ser subjetivista. Proust coloca o relato de uma coisa real - uma lembrança do modo como uma criança adormece - dificuldade de dormir - quando sua mãe não lhe dá um beijo de boa noite puxando para o espaço interior, para o fluxo da consciência que é protegido, mas que surpreende. A obra de Baudelaire também registrou a relação entre indivíduo e sociedade, na medida em que não se contentou em mostrar o sofrimento do indivíduo, mas escolheu a dor do mundo europeu, acusando a modernidade.

É importante também ressaltar que esse movimento entre indivíduo e sociedade não desemboca no relativismo, embora encontre lugar para o imutável e o transitório. A literatura apresenta a universalidade quando

compartilha os princípios universais por meio da particularização do eu, tal como se exprime nas experiências. Assim, personagens dão voz à complexidade da gênese humana com seus sofrimentos, medos e enfrentamentos, propiciando que o leitor se reconheça, não havendo tipificação de personagens que carregam estereótipos.

O teor de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação universal (ADORNO, 2003). A universalidade está presente de diversas formas, inclusive em certo *déjà vu* apresentado por Kafka, em *Metamorfose*, quando personagens aproximam o humano à “coisa”, que não é apenas o animalesco, mas o rebaixamento do homem à própria coisa (SPINELLI, 2005).

A criação literária requer uma linguagem ao mesmo tempo particular, que estabeleça elos com o universal. Nesse caso, nenhuma palavra deixa de ter vinculação com a comunicação estabelecida corriqueiramente no social, mas também sua significação não é aprisionada por ela (ADORNO, 1973). A linguagem fala por si mesma, ganha ares, quando deixa de atender às demandas do discurso comunicativo (ADORNO, 2003).

Segundo Benjamin (1994a), a incógnita na narrativa se distancia da perspectiva literária linear e previsível que possibilita uma única interpretação. As palavras kafkianas exigem um esforço grandioso do leitor em desvendar o que está oculto no texto, justamente por não evidenciar o seu conteúdo. É nesse dinamismo que a literatura revela o mais profundo do ser humano, possibilitando o espanto, a continuidade no leitor/ouvinte em interpretações diversificadas.

A literatura carrega uma historicidade não cronológica porque se apresenta em um contínuo movimento, um tempo permeado de outros tempos que não segmenta experiências em cada fase. Nesse sentido, há um passado que é vivo, um futuro que é uma incógnita e um presente que é toldado por todas essas instâncias temporais de experiência. A experiência do narrado traz

a tradição, não como uma amarra que carrega o passado, mas algo que se atualiza no presente indicando algo que está por vir. O tempo passado, embora vivido na rememoração, não se torna vazio e nem homogêneo, mas um relampejo presente no momento em que se toma contato.

Na literatura, forma e conteúdo apresentam-se indissociáveis, relacionais e complementares em um movimento dialético. A forma diz muito sobre o conteúdo revelado. Adorno (2003) afirma que, tendo formas diferentes, o romance, a lírica e o ensaio trazem a “liberdade de espírito”, que favorece a resistência à barbárie.

[...] a forma é a forma de um conteúdo, e o conteúdo é o conteúdo de uma forma - e se constitui no contato com o que nega: a totalidade totalizante. Como especificidade das obras, a forma faz seus elementos falarem, os tornam significantes. Os conteúdos sedimentados na forma revelam a força e a profundidade da arte, sua capacidade de revelar as mediações contraditórias da esfera objetiva. Como forma e conteúdo de objetivação humana, a arte possibilita a experiência de suspensão e recusa de um mundo de destroços. Sua racionalidade, ao se afastar da ciência e da razão instrumental, é tomada como irracional e condenada à inverdade, como crítica imanente, arte e ciência como formas de conhecimento se diferenciam (VIANA, 2015, p. 80).

139

Assim, a literatura se distancia da ciência positivista que tem o foco na observação das particularidades isoladas dos fatos sem compreensão da totalidade (HORKHEIMER, 2002), na explicação e reafirmação da realidade, e cede ao irracional que diz respeito à liberdade de criação de conteúdo que se materializa sem compromisso restrito com a empiria (VIANA, 2015).

O caráter enigmático da literatura que não se resolve instiga a permanência do leitor, exige do “observador pretensamente desinteressado um esforço desesperado”, o que torna obrigatória a interpretação. Compreender a literatura não é solucionar o caráter enigmático, mas lhe dar lacunas de autonomia, que seja o que são, não sendo; o não ser, sendo. Dessa forma, o enigma favorece compreensões distintas da literatura abrindo para múltiplas interpretações. Nesse sentido, nada é evidente, sendo contrário ao que a racionalidade de domínio postula (SCHAEFER, 2012). Os personagens kafkianos

constituem-se enigmas e apresentam sentidos além dos aceitos corriqueiramente na sociedade.

Nenhuma de suas criaturas têm um lugar fixo, um contorno fixo e próprio, não há nenhuma que não esteja ou subindo ou descendo, nenhuma que não tenha consumido o tempo a sua disposição permanecendo imatura, nenhuma que não esteja profundamente esgotada, e ao mesmo tempo no início de uma longa jornada (BENJAMIN, 1994a, p.143).

A presença do enigma faz com que o leitor tenha uma relação menos arcaica, mais distante do mundo mítico, onde os homens questionam a si mesmos. No mito, os homens são indagadores, no enigma, indagados, e, dessa forma, penetram nos mistérios da linguagem (ROSENBAUM, 2006). Os homens, ao tentarem entender o mundo, questionam e trazem explicações míticas para os acontecimentos, porém, no enigma, os homens questionam a si mesmos e são levados a refletir sobre a realidade.

A tarefa de decifrar o enigma cabe à reflexão filosófica (RODRIGUES, 2016), que envolve o questionamento de si - reflexão que o enigma permite - e da realidade em que está inserido. Percebe-se, então, que a literatura causa estranhamento, enriquece a imaginação, a criatividade e as possibilidades de compreensão do humano, por isso favorece a formação humana.

### **Interrompendo o fluxo da sociedade excitada**

A discussão desse artigo revela que a produção flexível de livros nos moldes da indústria cultural dificulta a experiência e a narração, conduz a reação, ao imediatamente presente, e por isso mutila a memória que exige a articulação entre passado, presente e futuro. Se nessa sociedade “toda ligação que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 128), podemos dizer que a literatura formativa é resistência.

Sabe-se que a literatura, de forma isolada, é insuficiente para superar a crise da formação. Também não é inútil o cuidado que se deve ter com a fuga para o mundo da cultura, da ficção, da arte, quando a realidade necessita urgente de uma práxis radical. Tem-se consciência também de que a formação

não é garantia da emancipação, já que a consolidação do nazismo de Hitler se deu na Alemanha de Goethe. Assim, a literatura não transforma a realidade, mas abdicar dela é perder um elemento de resistência na formação humana.

A perda da capacidade de fazer experiências formativas não é um problema imposto de fora à sociedade, acidental, e nem é provocado por intenções subjetivas, mas corresponde a uma tendência objetiva da sociedade, dessa sociedade do espetáculo que também torna o indivíduo um expectador, que, atarantado, quer aparar os choques. Com todas essas problematizações, pensar a literatura como formação humana é atual e espera-se ter oferecido uma contribuição para esse debate.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Estética 1958/9*. 1. ed. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2013.
- ADORNO, T. W. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. S.; LASTÓRIA, L. A. (Orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisas*. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 7- 40.
- ADORNO, T. W. Teoria Estética. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ADORNO, T. W. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Ed. 34/Duas Cidades, 2003.
- ADORNO, T. W. *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, T. W. Teoria da Semicultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 56, ano XVII. Campinas: Papyrus, 1996. p. 388-411.
- ADORNO, T. W. *Teoria Estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.
- ADORNO, T. W. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. A. A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. A. *Dialética do*

*Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 113-156.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. (Orgs.). *Cultura e Civilização*. In: ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 93-104.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p.103-149.

CAIMI, Cláudia L. A aparência e o jogo na arte e na literatura. In: CAIMI, Cláudia L.; OLIVEIRA, Rejane Pivetta de (Org.). *Sobre alguns temas em Walter Benjamin*. Porto Alegre: UniRitter, 2015. p. 147-163.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p. 77-92. (Coleção Espírito Crítico)

DADICO, L. Leitura literária, experiência e formação do indivíduo: reflexões a partir da crítica de Adorno. *Psicologia USP*, São Paulo, n. 2, v. 28, p. 179-188, 2017.

DUARTE, Rodrigo. O que está vivo na estética de T. W. Adorno. In: HADDOCK-LOBO, R. (Org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. p. 221-244.

DUARTE, Rodrigo. Esquematismo e semiformação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 441-457, 2003.

FREITAS, Verlaine. Alteridade e Transcendência: a dialética da arte moderna em Theodor Adorno. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia; KANGUSSU, Imaculada. *Theoria Aesthetica*. Em comemoração ao centenário de Theodor W. Adorno. Porto Alegre: Escritos, 2005. p. 45-56.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 16, p. 67-86, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Leitura da Infância, Infância da Leitura. In: PUCCI, Bruno; ALMEIDA, Jorge de; LASTÓRIA, Luiz A. C. N. (Org.). *Experiência formativa e emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009. p. 219-225.

HORKHEIMER, M. Meios e Fins. In: HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Ed. Labor, 2002. p. 9-62.

JUNKES, Lauro. O processo de alegorização em Walter Benjamin. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, n. 2, p. 125-137, 1994.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão. A atualidade das depressões. São Paulo, Boitempo, 2009.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antônio. A crítica alegórica de Grande Sertão. *Itinerários*, Araraquara, n. 25, p.141-157, 2007.

MAAR, Leo W. Adorno, semiformação e educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-475, 2003.

RODRIGUES, Ubiratane de Moraes. Pré-aparência (vor-schein) e enigma (rätsel) na obra de arte: utopia e estética em Ernst Bloch e Theodor W. Adorno. *Philósofos*, Goiânia, v. 21, n.1, p.189-212, jan./jun. 2016.

ROSENBAUM, Yudith. A palavra como enigma. *Aletria*, Belo Horizonte, p. 84-93, jan./jun. 2006.

SCHAEFER, Sérgio. *A teoria estética em Adorno*. 2012. 478 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SPINELLI, Daniela. Algumas considerações sobre a *Metamorfose* de Kafka com base no texto “Anotações sobre Kafka” de Adorno. *Kaliopé*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 72-83, 2005.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Trad. Antônio Álvaro Soares Zuin [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

VIANA, C. M. J. *A tessitura do Ensaio em Theodor W. Adorno*. 2015. 127 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.